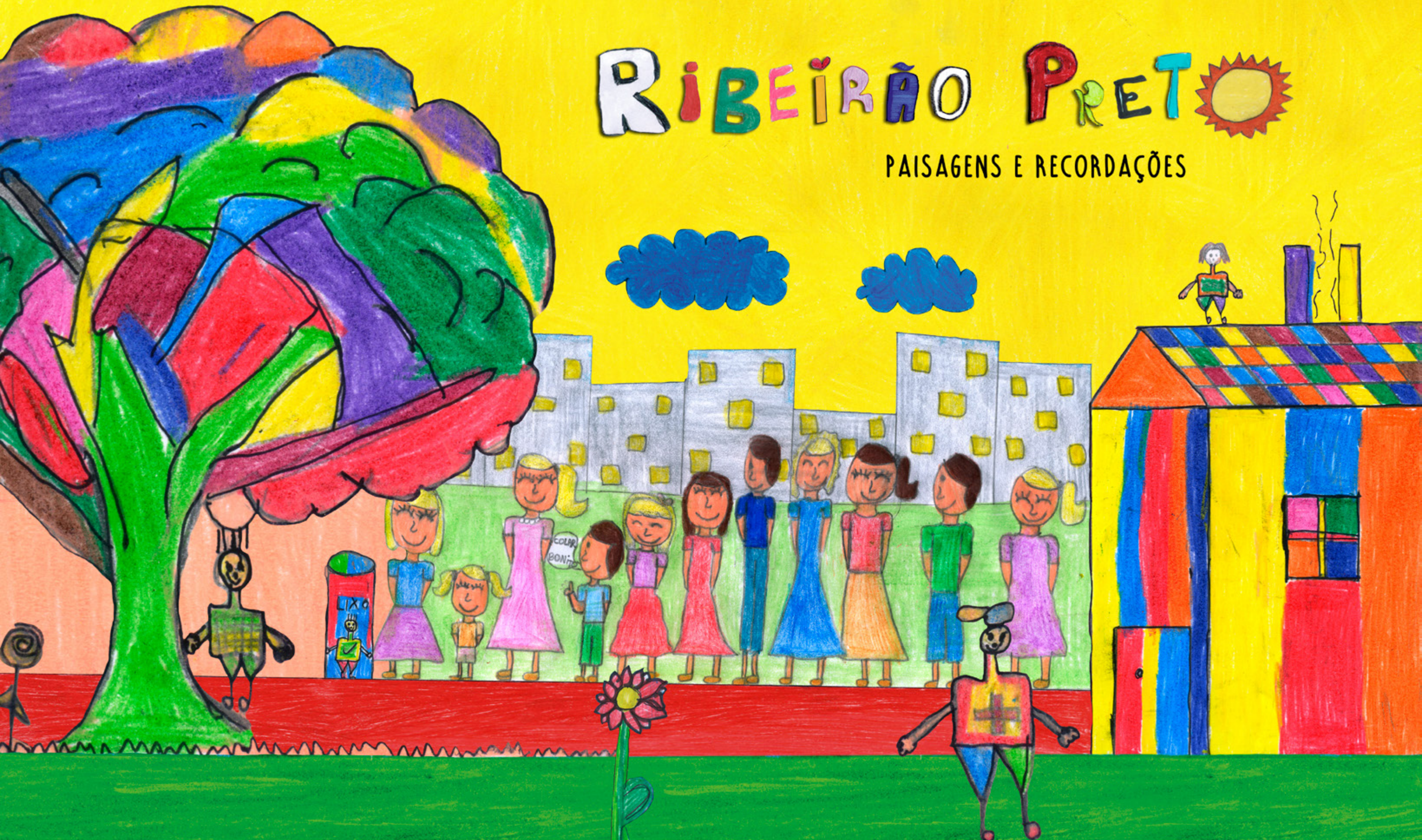
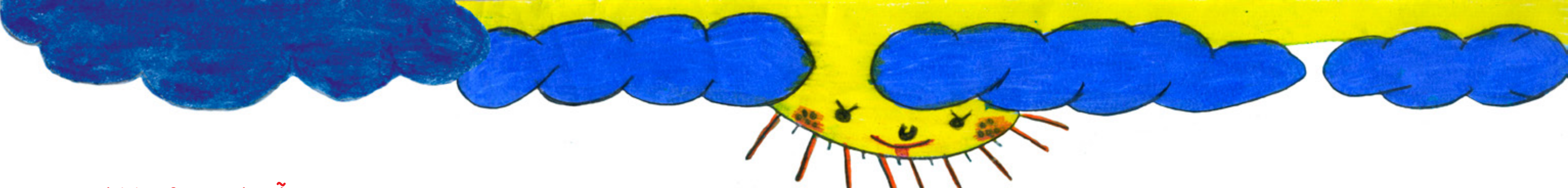


RIBEIRÃO PRETO

PAISAGENS E RECORDAÇÕES





APRESENTAÇÃO

Entrevistar para conhecer, para reconhecer, para compreender que histórias de vida compõem um universo muito maior do que a trajetória pessoal do entrevistado.

Foi nessa perspectiva que, incentivados por seus professores, alunos de escolas municipais de educação básica realizaram o projeto Memória Local na Escola.

Leituras, desenhos, reflexões sobre os conceitos, princípios e diretrizes que envolvem a metodologia de entrevista

de história de vida, a escolha do entrevistado, a elaboração de roteiro, o que programar antes, como se comportar durante e o que fazer após a entrevista foram alguns dos aspectos trabalhados com professores e alunos, e este livro é resultante das múltiplas possibilidades de produções escritas e gráficas realizadas pelos alunos.

As histórias aqui registradas são uma homenagem a todos os moradores do município. Temos certeza de que você

vai se surpreender com os relatos e com a capacidade dos alunos de expressar o que ouviram nos textos e desenhos dessa publicação.

Você, leitor, está convidado a parar um tempinho para se deliciar com as histórias e memórias de pessoas que talvez conheça pessoalmente, talvez seja seu vizinho ou da sua família, descobrir as semelhanças e diferenças. Assim estará olhando também para você mesmo.

Esta ação faz parte do Plano Anual de Atividades do Museu da Pessoa de 2019 (Pronac 18.3727) realizado pelo Ministério da Cidadania, Secretaria Especial da Cultura e pelo Instituto Museu da Pessoa através do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), em parceria com o Instituto Avisa Lá e com o patrocínio da Ultragaz.

Museu da Pessoa e Avisa Lá





Paisagem em transformação

Em uma casa humilde, pequena, em Salinas, no interior de Minas Gerais, morava Hamilton da Rocha Santos. Lá, ele gostava de jogar bola, soltar pipa, tocar flauta e brincar de bolinhas de gude. Daquela época, suas lembranças marcantes são as de seus pais e irmão e é disso que mais sente falta.

Já adulto, morando em Ribeirão Preto, trabalhou em vários lugares até ingressar na Escola Domingos Angerami, no bairro onde mora, Ribeirão Verde. Da região ele também tem muita história para contar: Ribeirão Verde era uma fazenda, que foi loteada para se transformar em um enorme conjunto de casas, onde ele vive feliz até hoje.

Uma das memórias mais marcantes de seu trabalho na escola foi quando parou de fumar para poder dar um bom exemplo aos alunos. Ele se esforçou para isso, porque trabalhar na escola para ele significa dar amor às crianças e contribuir assim para que tenham um futuro melhor. Hamilton quer que os alunos nunca deixem de estudar e que acreditem sempre que são capazes de fazer o que quiserem.

Memória para ele significa carinho e gratidão pela vida.

Hamilton da Rocha Santos foi entrevistado pela professora Flávia Ribeiro Mazer Lino e por seus alunos da escola EMEF Professor Domingos Angerami. Esse texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



No meu tempo de criança

Cearense de Itapajé, Maria do Socorro Ávila mudou-se para o estado de São Paulo quando ainda era adolescente e veio logo morar em Ribeirão Preto.

Em seu tempo de criança, morava na zona rural e adorava tudo o que tinha lá: árvores, animais, rios.

Naquela época, adorava brincar de boneca. Porém, como não tinha dinheiro para comprá-las, ela mesma fazia as bonecas com espigas de milho. Era bonito de ver como os cabelos ficavam de cores diferentes, dependendo da época em que o milho era colhido. Socorro, como é conhecida, também gostava de costurar bonecas de pano, confeccionadas com retalhos e roupas velhas, que fazia com a ajuda preciosa da mãe e da avó.

Ela estudou até a quarta série, atual terceiro ano. Iniciou seus estudos com 13 anos de idade. A escola era bem longe, mas ela ia todos os dias e adorava os amigos que tinha lá.

Ao ser perguntada sobre sua comida preferida, dona Socorro não titubeia. É

a tapioca, uma farinha feita de mandioca, rica em carboidratos. Ela gostava de plantar a mandioca e, com muito cuidado e carinho, observava o crescimento da planta. Quando colhida, a mandioca era ralada e depois transformada em tapioca. Essa farinha, chamada também de goma de tapioca, é colocada em uma frigideira e, quando endurece, é recheada com doce de leite, goiabada, queijo ou geleias. Também é possível fazer uma mistura de tapioca com ovo que fica parecida com pão de queijo.

Ela já foi casada e tem três filhos, duas meninas e um menino. O filho é o mais novo e ainda é chamado carinhosamente de bebê. Sempre gostou muito de crianças e trabalha com elas desde sempre. Atualmente, é funcionária da EMEF Prof. Jarbas Massullo, cercada de crianças e cuidando delas com muito carinho.

Maria do Socorro Ávila foi entrevistada pela professora Silvia Aparecida de Lima e por seus alunos da escola EMEF Professor Jarbas Massullo. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.





Horizonte de memórias e sonhos

Nascida em Ribeirão Preto, Mirella Vitória dos Santos Archangelo guarda divertidas lembranças de sua época de escola, na EMEF Alcina dos Santos Heck. Ela amava brincar de pique-esconde e de pular corda. Também se lembra de uma brincadeira especial que foi organizada na EMEF: “O casamento de mentirinha”, uma festa com direito a brigadeiro e outras guloseimas. Além de trazer à memória as brincadeiras divertidas do tempo de colégio, Mirella também tem doces lembranças dos seus professores. Ainda hoje gosta de língua portuguesa e de redação, mas a matemática, disciplina com que ela não se identifica tanto, também tem importância.

Nem o problema no coração tirou a alegria de viver e a vontade de correr atrás dos sonhos dessa jovem. Com o precioso apoio de seus pais, Amanda (administradora de empresas) e Júlio Cesar (tatuador), Mirella não desperdiça uma só oportunidade de exercer sua habilidade para fazer reportagens. Foi em uma dessas oportunidades que ela teve um vídeo sobre buracos em sua rua viralizado na internet. A partir da denúncia, Mirella realizou outras reportagens que ganharam repercussão nacional e viabilizou a realização de um grande sonho: conhecer a repórter Glória Maria. A presença da Mirella não trouxe apenas memórias de uma história de vida, mas também mostrou que todo sonho pode se tornar realidade com esperança, esforço e dedicação.

Mirella Vitória dos Santos Archangelo foi entrevistada pela professora Renata Macarini Lima e Silva e por seus alunos da escola EMEF Alcina dos Santos Heck. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



A cultura da gente

Alceu Bigato nasceu em Jardinópolis, São Paulo, em 31 de janeiro de 1939. É descendente de uma família de italianos que veio para o Brasil em busca de uma vida melhor, no novo país que surgia além do mar. Filho de lavradores, o menino poeta estudou em uma escola rural até o quarto ano. No caminho para lá, observava a natureza, o cantar dos pássaros e se impressionava com o movimento das nuvens. “Seriam de algodão?”, pensava ele. Coisas de menino poeta.

Seus primeiros rabiscos surgiram desse anseio de querer entender a natureza. Tudo era registrado em cadernos que se escondiam no fundo de uma gaveta. O menino foi crescendo e na pequena cidade ele já não cabia mais. Por isso mudou-se para Ribeirão Preto, São Paulo, onde conheceu pessoas ligadas ao ramo da música sertaneja.

Aquele que na época era um jovem rapaz conheceu o universo das estações de rádio com seus programas, próprios de divulgação de músicas sertanejas, fez novos amigos e seus poemas ganharam

as ondas sonoras em composições de melodias que cantam sobre amores, sentimentos, esperanças e coisas da roça.

Durante a semana, Alceu trabalhava como industrial numa cervejaria local, mas os fins de semana eram e ainda são das composições, das músicas, das poesias. O mundo da poesia habitava e habita o seu coração, como não nasceu para cantar, encantava e encanta a todos com suas belas declamações.

Atualmente, ele é membro-escritor da Casa do Poeta de Ribeirão Preto e tem inúmeras publicações. Em 2018, lançou o livro Lapidador da Natureza.

Tudo o que viveu o ajudou a ser quem é: escritor, declamador, um despertador para o mundo da escrita e da leitura de poemas, das crônicas, dos contos, dos versos que transformam os momentos de nossas vidas em poesia.

Alceu Bigato foi entrevistado pela professora Adriana C. Duarte Malaquias e por seus alunos da escola CEMEI Virgílio Salata. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



Um caso misterioso

A Fazenda Fortaleza, em São João da Boa Vista, São Paulo, foi onde Bernadete Juliari, hoje com 71 anos, passou a infância. Ela morava em casas de colônias, que eram grudadinhas umas nas outras e sempre pintadas de amarelo. Naquela época, não havia energia elétrica e as residências eram iluminadas por lampiões ou velas. Apesar da infância humilde, a vida na fazenda era muito feliz. Ela era livre, tinha muitos amigos, adorava o balanço e criava muitas aventuras em sua casa na árvore. Quando menina, vivia descalça e, por causa disso, já levou um grande susto. Um dia, ela foi subir em uma goiabeira e, ao descer, um prego entrou em seu pé, por pouco não o atravessou!

A infância em fazendas centenárias povoou a vida dessa senhora de narrativas. O irmão adorava contar histórias assustadoras, até que ele mesmo viveu um “causo” misterioso. Aconteceu que mais à frente de sua casa havia uma tulha (um depósito para guardar a produção da roça, equipamentos e ferramentas). Um dia, voltando do trabalho, seu irmão ouviu um barulho muito estranho na mata. Seu cachorro, que estava com ele, foi na frente, na direção do barulho. O irmão desceu do cavalo e entrou na mata. Não viu nada e não achou o cachorro, mas, quando retornou para pegar o cavalo, encontrou-o morto. Voltou para casa muito assustado e o cão já estava lá. Já a morte do cavalo ninguém explica.

Naquela época, não havia brinquedos como hoje em dia. Dona Bernadete, então, era muito criativa, fazia suas próprias diversões com legumes como chuchu, batata, milho. Até seu gatinho de estimação era feito de boneca. Ela o enrolava em um pedaço de pano e o segurava como se fosse um bebê.

A fazenda em que ela vivia tinha muitos bichos e um grande galinheiro. Ela se lembra de que um dia uma galinha botou um ovo azul. A cor era impressionante, nunca havia visto um ovo azul. Até que o ovo chocou e de dentro dele nasceu um pintinho preto. Bernadete ficou surpresa e cuidava do pintinho como gente. Os dois se tornaram amigos inseparáveis, ele a seguia por toda a fazenda como um cachorro. Um dia, ao voltar da escola, havia frango como mistura da refeição. Nada de mais, ela sempre co-

mia frango. Mas aquele dia foi muito triste, pois a mãe fez seu melhor amigo para o almoço. Ela se questiona até hoje – afinal, havia tanto frango na fazenda, por que escolher seu amigo?

Para ir à escola, Bernadete enfrentou muitos desafios. Por isso, conseguiu estudar apenas até o terceiro ano. Naquela época, havia apenas uma professora em sala. Tinha criança do primeiro, segundo, terceiro e quarto ano. Ficavam todas juntas na mesma sala e a lição era separada para cada turma na lousa. Tinha muita gente, mas não tinha bagunça, havia respeito pela professora.

Tudo que Bernadete conquistou foi por meio de muito trabalho. Depois da infância na fazenda, ela se mudou para a cidade. Conheceu seu marido em uma pastelaria e se tornou feirante. Foram tempos de muito esforço. Tinha que acordar de madrugada para montar a feira. Seus quatro filhos eram pequenos e ela não tinha com quem deixá-los, então eles também iam à feira e dormiam embaixo da barraca. Quando cresceram continuaram acompanhando a família, tinham que ajudar. Nesse cotidiano, ainda assim, havia lugar para momentos de diversão. Os proprietários das outras barracas também levavam seus filhos para feira, e as crianças faziam guerra de laranja no fim do dia de trabalho. Ficava aquela sujeira e tinham de limpar tudo!

O tempo passou, a família cresceu, os filhos que antes dormiam embaixo da barraca lhe deram netos. Na vida, teve momentos felizes e tristes. Há alguns anos perdeu seu companheiro de vida, seu marido, algo sobre o que ela não gosta de falar, pois fica muito triste. Dona Bernadete sofreu outro grande golpe quando foi enganada por um falso investidor e perdeu sua casa, o patrimônio que havia conquistado com o trabalho duro de uma vida inteira.

Entre altos e baixos, ela construiu uma linda família e hoje sua maior alegria é ver seus filhos e netos saudáveis e felizes.

Bernadete Juliari Ferro foi entrevistada pela professora Franciani Almeida Alves Ferreira e por seus alunos da escola EMEF Professora Dercy Célia Seixas Ferraz. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



BEATRIZ



Um amor para recordar

A casa grande em que Beatriz Helena Engrácia Mello foi criada, no centro de Ribeirão Preto, na Rua São Sebastião, já não existe, pois ali se localiza o edifício que leva o nome de seu avô paterno, capitão Lino Engrácia.

Beatriz, que nasceu em 1951, guarda lembranças de seu primeiro amor. Ela tinha 14 anos quando conheceu João, seu marido, em um baile de máscaras durante o carnaval. Ela tinha um pai muito rígido e, para alimentar o namoro escondido, todos os dias, às 18h, fingia levar um caderno a uma amiga. Era a desculpa para encontrar o namorado.

A história permaneceu secreta até que, na festa de 15 anos, durante a valsa, Bia começou a dançar com João e todos aplaudiram. Foi então que o pai percebeu que era o único que não sabia da relação entre os dois e começou a vigiar o casal de perto. Mais tarde, Beatriz e João se casaram. Ela se lembra até hoje do nervosismo no dia da cerimônia: chegou a pensar que ninguém compareceria, pois, ao pisar na rampa que a levaria ao altar, não conseguiu enxergar ninguém e não ouviu a música tocar. Felizmente, todos estavam na igreja e o amor do casal foi celebrado com uma linda festa. Já se passaram 22 anos desde o casamento e eles tiveram três filhos: André, Danilo e Marcelo.

Professora de matemática, Bia trabalhou na Secretaria de Educação de Ribeirão Preto e atual-

mente é orientadora pedagógica na EMEF Professora Eponina de Britto Rosetto. Dedicou, portanto, sua vida à educação e não se esquece de uma situação que viveu no colégio quando ainda era criança: cursou o ensino básico na Escola Estadual Dr. Guimarães Júnior, onde Mercedes, sua primeira professora, a corrigiu com violência física. O castigo ainda doeu menos do que a humilhação perante seus amigos.

Naquela época, ela já adorava matemática e queria ser engenheira, mas o pai dentista queria que ela tivesse a mesma profissão que ele. Ao final, ela resolveu o impasse obtendo o diploma de professora de sua disciplina favorita.

O pai de Beatriz marcou muito seus tempos de escola. Já na adolescência, antes de ir para a aula, ele a obrigada a comer arroz, feijão, bife de fígado e a tomar um copo de leite. Ela odiava e ia chorando no caminho do Colégio Auxiliadora, levando na lancheira um pão com goiabada e uma garrafa de leite todos os dias.

Mais de 50 anos se passaram e Bia se aposentará em breve, levando da escola o carinho dos alunos e professores. Ela pretende cuidar de animais e plantas além de viajar para fora do Brasil para visitar seus filhos.

Beatriz Helena Engracia Mello foi entrevistada pela professora Karina Carla Muniz e por seus alunos da EMEF Professora Eponina de Britto Rosetto. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



Instituto Museu da Pessoa

Diretora-Presidente

Karen Worcman

Direção Executiva

Sônia Helena Dória London

Relações Institucionais

Rosana Miziara

Instituto Avisa Lá

Presidente

Maria Cristina Meirelles

Coordenação Executiva

Silvia Maria Pereira de Carvalho

Coordenação Adjunta

Cisele Ortiz

Ultragaz

Gerente de Sustentabilidade

Daniela Gentil

Analista de Sustentabilidade

Mayara Andrade Lima

Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto

Prefeito Municipal

Antônio Duarte Nogueira Júnior

Vice-Prefeito

Carlos Cezar Barbosa

Secretários Municipais de

Educação e Cultura

Felipe Elias Miguel

Isabella Carvalho Pessotti

Técnicos

Carla Costa de Morais

Almir de Paula e Silva

Mário Sergio Longo Junior

Paula Dias

**Projeto Memória Local na Escola,
Memórias Compartilhadas –
Ribeirão Preto, 2019**

Coordenação Geral

Sônia Helena Dória London

Silvia Pereira de Carvalho

Gestão do Projetos

Renato Herzog

Coordenação do Projeto

Raquel Ribeiro

Coordenação Técnica

Márcia Cristina da Silva

Produção

Ane Alves

Formação

Alessandra Ancona de Faria

Lia Cristina Lotito Paraventi

Maria Paula Gennari Guimarães Twiaschar

Escolas Participantes

EMEF Prof. Domingos Angerami

Professora

Flávia Ribeiro Mazer Lino

Direção

Carolina Munari Domingos e Virginio

Vice-Direção

Mara Regina da Silva Costa

Coordenação

Francisca de L. Constantino

EMEF Prof. Jarbas Massullo

Professora

Sílvia Aparecida de Lima

Direção

Thelma Cardinal Duarte Campana

Vice-Direção

Andréia Aparecida Borges Amâncio

Coordenação

Anderson Tavares da Silva

EMEF Alcina dos Santos Heck

Professora

Renata Macarini Lima e Silva

Direção

José Francisco Jacomini

Vice-Direção

Marcio Rogério da Silva

Coordenação

Renata da Silva Rego Batista

EMEF Profº Eponina de Britto Rossetto

Professora

Karina Carla Muniz

Direção

Ana Luiza de Souza Santos Vital

Vice-Direção

Fabio Augusto da Silva Lima

Coordenação

Marina Israel Dias Rosa

EMEF Profª Dercy Célia Seixas Ferraz

Professora

Franciani Almeida Alves Ferreira

Direção

Eliana Silva de Oliveira

Vice-Direção

Adirlene de Faria Melo Meira

Coordenação

Rogério Gonçalves de Jesus

Escola CEMEI Virgílio Salata

Professora

Adriana C. Duarte Malaquias

Direção

Marcia Aparecida Novato de Souza

Vice-Direção

Neide Aparecida da Silva Fantini

Coordenação

Maria Aparecida Miranda

Entrevistados

Alceu Bigato

Beatriz Helena Engracia Mello

Bernadete Juliari Ferro

Hamilton da Rocha Santos

Maria do Socorro Ávila

Mirella Vitória Sales Archangelo

**Publicação Ribeirão Preto –
Paisagens e recordações**

Coordenação Geral

Sônia Helena Dória London

Edição dos Textos

Ana Paula Severiano

Revisão dos Textos

Sílvia Balderama Nara

Produção

Ane Alves

Design Gráfico

Fernanda Mascarenhas

Renato Theobaldo

Finalização Gráfica

Manar Zind

Produção Gráfica

Praxinoscópio

Desenhos e Produção dos Textos

Alunos participantes do projeto



Patrocínio



Apoio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA





ESCOLA